

Cariocas no ritmo gaudério

FÁBIO SCHAFFNER

Liderados por um nissei, falando chiado e tiritando de frio, 22 cariocas caminham entre os prédios históricos de Piratini para descobrir a epopéia farroupilha.

Mais tarde, pilchados e brandindo facões, eles mostram aos gaúchos como o tradicionalismo se multiplica pelo Brasil, mesmo entre pessoas que nunca pisaram no Estado.

Os turistas são funcionários de um parque temático em Itaguaí, cidade do oeste fluminense. Lá, a 1,9 mil quilômetros da primeira capital farroupilha, eles integram um grupo de danças gaúchas que todos os finais de semana se apresenta para um público médio de 2 mil pessoas.

— A gente vive essa cultura todos os dias, nos ensaios, mas agora está conhecendo de perto. É maravilhoso ver como vocês preservam a história e a tradição — comenta Joaquim Inoue.

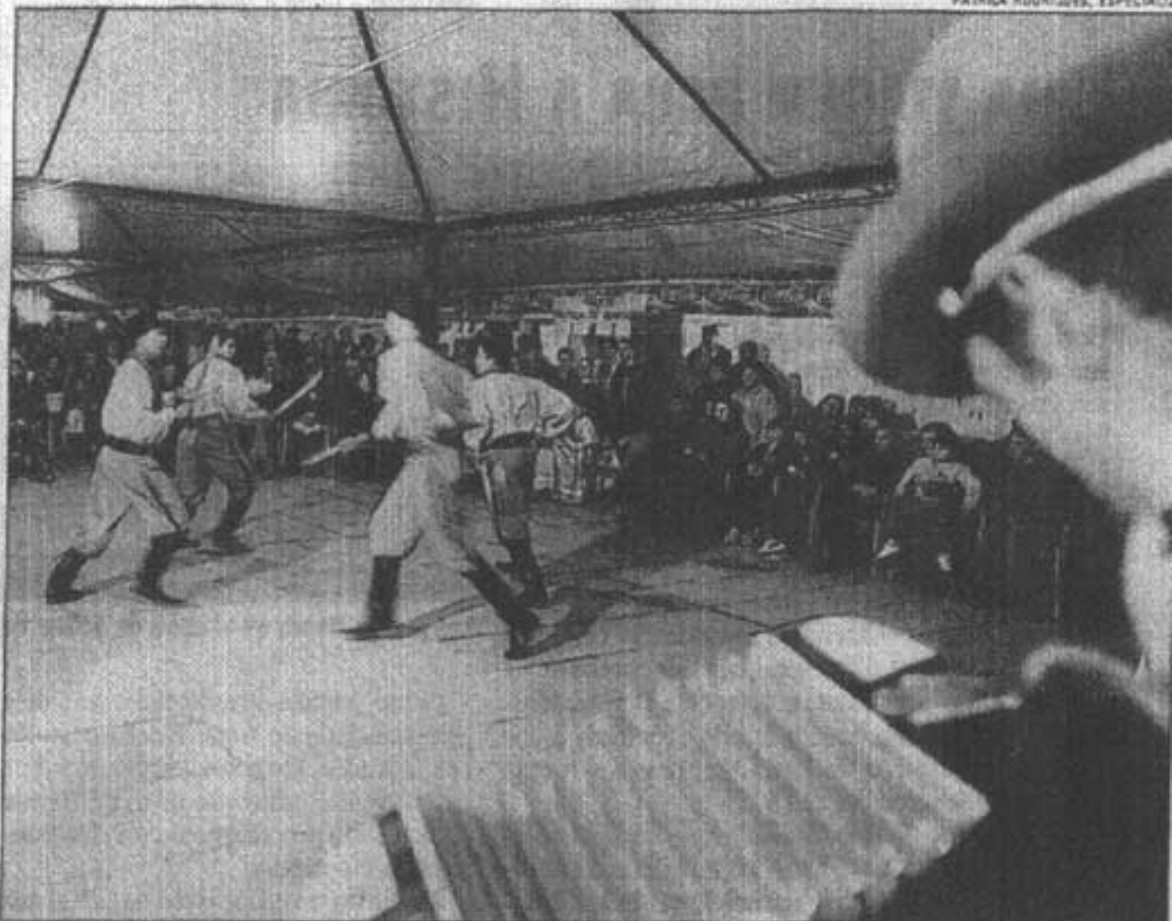
Filho de japoneses, Inoue é o dono da Estância Turística Sonosake. Foi ele quem teve a idéia, há 16 anos, de montar um grupo folclórico gaúcho com os funcionários do estabelecimento. A semente germinou a partir da visita de integrantes de um CTG de Canguçu ao Rio.

Formada a conexão, faltavam os subsídios teóricos para fazer os cariocas dançarem chula, atarem um lenço vermelho no pescoço e saírem riscando esporas no tablado.

Uma intensa troca de informações via correio e telefone resolveu o problema. De posse de dezenas de fita de vídeo sobre danças gaúchas, a filha de Inoue, Keiko Taguti, passou a ensinar as coreografias aos funcionários do parque. Atualmente, o grupo tem ensaiadas 12 apresentações diferentes.

— Uma vez, no Rio, levei um golpe na mão e continuei a dança mesmo sangrando. Acho que já incorporamos um pouco dessa alma gaúcha — conta Peters Alves.

fabio.schaffner@zerohora.com.br



Ginga gaúcha: admiradores da cultura rio-grandense, cariocas conheceram a Piratini dos farroupilhas